



## Informática em Saúde e a Interoperabilidade nos Sistemas Hospitalares

Adília Maria Pires Sciarra<sup>1</sup>, João Marcelo Rondina<sup>2</sup>

A Informática em Saúde ou Informática Médica, ou ainda, Tecnologia da Informação em Saúde (em Inglês *Medical Informatics*) é definida por Blois e Shortliffe (1990) como “um campo de rápido desenvolvimento científico que lida com armazenamento, recuperação e uso da informação, dados e conhecimentos biomédicos para a resolução de problemas e tomada de decisão”. A Saúde é uma das áreas onde há maior necessidade de informação para a tomada de decisões. A Informática Médica é o campo científico que lida com recursos, dispositivos e métodos para otimizar o armazenamento, recuperação e gerenciamento de informações biomédicas. O crescimento da Informática em Saúde deve-se, em grande parte: aos avanços nas tecnologias de computação e comunicação, à crescente convicção de que o conhecimento médico e as informações sobre os pacientes são ingerenciáveis por métodos tradicionais baseados em papel, e devido à certeza de que os processos de acesso ao conhecimento e tomada de decisão desempenham papel central na Medicina moderna.

Portanto, no setor da saúde, dentre as diversas aplicações das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) que desempenham recursos para facilitar a criação e o uso de dados, de informação e de conhecimento de saúde; a Interoperabilidade surge como a capacidade que os diversos sistemas da informação e aplicativos de software têm de se comunicar, trocar dados e utilizar as informações trocadas para suportar e viabilizar todos os aspectos do sistema de saúde.

O setor da saúde no Brasil ainda guarda muitos desafios, entre eles o próprio uso da Tecnologia da Informação (TI). Nesse aspecto, a Interoperabilidade já está deixando de ser uma tendência para ser uma exigência do mercado, uma vez que, além de reduzir custos e eliminar deficiências através da automatização de tarefas, oferece maior controle e agilidade do workflow e otimização do tempo; garante também ao paciente uma melhor experiência de atendimento. A análise de dados facilita a identificação de pontos que devem ser mais bem trabalhados e a realocação estratégica da força de trabalho. No entanto, muitas organizações de saúde ainda não adotaram a Interoperabilidade dos sistemas de saúde por mera falta de conhecimento do processo. São três as etapas para implementação da Interoperabilidade nos sistemas de saúde:

### 1. Desenvolvimento e implementação do registro eletrônico de saúde (EHR):

Essencial para trabalhar a saúde de forma preventiva, o registro eletrônico de saúde (ou EHR, em sua sigla em inglês), facilita a continuidade, e, portanto a qualidade, a eficiência e o acesso aos cuidados de saúde. O EHR garante a integridade e a permanência da informação original em formato acordado e por tempo determinado; capacidade para diferentes vistas pelos utilizadores, e interações amigáveis e ainda interoperação com diferentes bases de dados em diversos locais (capacidade de integração em sistemas clínicos e administrativos diferentes).

### 2. Desenvolvimento e implementação de medidas de desempenho administrativo sensíveis para certificação:

Além de grandes custos operacionais, a desorganização da imensa quantidade de dados coletados em um sistema hospitalar gera déficit indireto por conta do tempo perdido em busca da tradução desses dados para a mesma linguagem, para que, só então, os profissionais possam atender seus pacientes. Por outro lado, o controle ineficiente de fornecedores e a falta de transparência geram gastos desnecessários e vultosos anualmente. A interoperabilidade viabiliza a análise de informações estratégicas, como o aproveitamento de leitos, o tempo gasto no atendimento e maior controle de estoques e pagamento de fornecedores:

### 3. Definição e adoção de um padrão único de linguagem entre sistemas:

Hoje diversas organizações e instituições de saúde já utilizam tecnologias que digitalizam processos, mas é necessário que haja uma padronização de linguagem para que todos consigam intercambiar informações de forma eficiente e rápida. Hoje, um médico tem que sair de um sistema e entrar em outro para poder ter acesso às informações de um mesmo paciente. Para haver interoperabilidade, todos os players precisam estar integrados através de uma única linguagem-padrão, para que conversem entre si sem a necessidade de intervenção humana.

No Brasil as informações e padrões de Interoperabilidade em saúde disponibilizados pelo projeto de Interoperabilidade SOA-SUS (portaria nº 2.073, de 31 de agosto de 2011) são o conjunto mínimo de premissas, políticas e especificações técnicas que disciplinam o intercâmbio de informações entre os sistemas de saúde Federal, Municipal, Distrital e Estadual, estabelecendo condições de interação com os entes federativos e a sociedade. O objetivo é promover a utilização de uma arquitetura da informação em saúde que contemple a representação de conceitos para permitir o compartilhamento de dados em saúde, além da cooperação de todos os profissionais, estabelecimentos de saúde e demais envolvidos na atenção à saúde prestada ao usuário do SUS, em meio seguro e com respeito ao direito de privacidade. Dessa forma será possível otimizar o atendimento ao paciente e a gestão em saúde, reduzindo custos, retrabalhos e erros humanos.

<sup>1</sup>Professora Doutora Especialista em Informática em Saúde, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)-SP-Brasil

<sup>2</sup>Professor Doutor, Diretor do Núcleo de Informática da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP)-SP-Brasil